

No. 153
JAN-FEV-MAR
ANO 22/2012

farj@riseup.net
http://www.farj.org
Cx. Postal 14576
CEP 22410-971
Rio de Janeiro/RJ - Brasil



INFORMATIVO DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO - FARJ

SOCIALISTAS LIBERTÁRIOS ADVERTEM

APOIAR A GREVE DA POLÍCIA FAZ MAL À ESQUERDA COMBATIVA



Policial usa spray de pimenta em criança em uma manifestação para cobrar a promessa de assistência às vítimas de desabamentos no Morro do Bumba, em Niterói (RJ).

A recente greve da Polícia Militar da Bahia e do Rio de Janeiro retoma uma discussão antiga no interior das esquerdas. As opiniões se dividem em dois blocos¹: os que defendem a greve dos policiais por ser esta, em tese, uma categoria de assalariados e, portanto, de ‘explorados’, e aqueles que não defendem os policiais, por entenderem que o papel destes está ligado diretamente a repressão. Os grupos que apóiam a greve dos policiais reivindicam que, dentro das PMs, haveria uma “divisão classista”²: um setor mais ligado às classes dominantes (oficialato) e outro, explorado pelo primeiro, composto pelas baixas patentes (soldados, cabos, sargentos). Estes últimos por sua condição de *explorados*, deveriam receber taticamente o apoio das esquerdas e

dos trabalhadores. Outro argumento dos que defendem o apoio à greve dos policiais, é o de que a polícia estaria também em “disputa”. Assim, ignorar a possibilidade de influenciar este setor seria um posicionamento “idealista” para aqueles que desejam um processo revolucionário.

Antes de irmos ao campo da teoria, lembremos do despejo do Pinheirinho, executado “magistralmente” pela Polícia Militar, cujos setores do baixo oficialato, mesmo “explorados” economicamente, cumpriram eficientemente sua função ao reprimir, espancar e despejar (sem mencionar as denúncias de violência sexual). Recordemo-nos da atuação da Polícia Militar nos morros cariocas, que mata e assassina nosso povo pobre e negro sob o pretexto do

combate ao narcotráfico. Vamos recordar as ações repressivas das polícias militares em manifestações estudantis e de trabalhadores, permitindo ao capital seu livre trânsito. Sem mencionar, ainda que fosse necessário, a função da polícia na manutenção das desigualdades e na defesa dos dominadores de nosso povo. Acrescentaríamos a estas certezas ideológicas, o reforço da experiência de militantes dos movimentos populares em que estamos inseridos, e que convivem com a opressão, o racismo e a repressão dos “trabalhadores” policiais! Mas é preciso também embasar nossas posições no terreno da teoria, pois aqueles que defendem o apoio aos policiais o fazem, por aplicarem leituras teóricas equivocadas. O primeiro equívoco diz respeito ao funcionamento do poder. Entender a instituição policial apenas pela ação daqueles que a controlam é um erro grave de análise que leva a reducionismos. A sociedade capitalista está estruturada por relações de poder e esferas de dominação, sendo estas últimas interdependentes. Deste modo, não se pode explicar a dominação exercida pela polícia apenas como um efeito “secundário” da esfera econômica, cuja “natureza” seria modificada apenas com a mudança do sistema de produção capitalista pelo socialista. Há de se perceber que o socialismo e a liberdade se forjam com novas instituições e novos valores. A natureza da polícia não pode ser compreendida apenas em função de quem a “controla”, tampouco entendê-la exclusivamente a partir dos “gabinetes” ou por sua cúpula. Deve

ser compreendida em sua totalidade e pela ação concreta que teve esta instituição na história: do soldado ao oficial, a polícia sempre esteve a serviço dos exploradores e dominadores e fôra o núcleo duro da reação contra os trabalhadores. Na história do Brasil não há registros de ações policiais em favor do povo (classes dominadas/oprimidas), mas há, diferentemente, registros de ações de militares do exército nesse sentido. Como exemplo, podemos citar a Greve da Cantareira em 1918, quando soldados combateram a polícia em favor dos operários.

Há interdependência desta estrutura repressiva com as outras esferas de dominação (econômica, política, cultural/ideológica, etc). A esfera repressiva (policial e militar) cumpre deste modo, um papel tão relevante para a manutenção do capitalismo quanto a exploração econômica. Acreditar que a instituição policial (e também o Estado) pode ser “moldada” à vontade de seus gestores é ignorar os processos históricos que nos indicam que “a classe burguesa tem que remodelar um estado que já vinha antes e que tem suas coisas próprias. A “nova classe” burguesa se adapta à dominação existente, resultando outra conformação do poder político”³.

A esquerda que apoia os “trabalhadores” policiais reforça na população e nos movimentos sociais, a idéia de que essa esfera de dominação jamais deva ser colocada em questão. Nesse sentido, a lição da Revolução Mexicana traz um elemento teórico fundamental da desintegração desta esfera de domina-

NAS BOCAS...

“Onde se situa a síntese entre o policial que golpeia a cabeça do manifestante e aquele que recebe os golpes?”

Bakunin

ção: é o povo em armas que põem a polícia numa crise decisiva, e não a própria polícia! Assim como a burguesia, a polícia não está em disputa! O funcionamento “normalizado” da polícia nos processos revolucionários é sempre um indício de derrota dos trabalhadores! Um exemplo que aconteceu na Revolução Espanhola (1936 – 1939).

Na Revolução Russa as demandas do movimento popular partiram dos soviets, que não eram militares, apesar de vários militares fazerem parte deles. Dentro dos soviets, organismos independentes de classe – e não militar – não valiam a hierarquia e as patentes. Isso nos faz concluir que militares podem integrar organismos populares para atuar no sentido das demandas populares geradas nesses organismos, mas não que as demandas populares possam se dar a partir de organismos militares – como foi o caso da recente greve dos policiais. Aliás, mesmo na Revolução Russa, os “rachas” internos dos setores militares ocorreram basicamente no exército, e não na polícia, que manteve-se fiel ao czarismo.

Outra questão é o conceito de classe, extremamente simplista, utilizado pelos grupos que defendem a tese do “trabalhador de farda”. Ao generalizar

um conceito de classe baseado apenas no quesito da exploração econômica e das relações de produção capitalistas, entende-se erroneamente o policial como um “trabalhador explorado” sem entender que mesmo inserido numa condição de assalariado este possui uma função vital para a perpetuação do sistema de dominação capitalista, que é a defesa da propriedade privada, além do controle, repressão e extermínio das classes oprimidas.

Qualquer ideologia que busque a ruptura e a revolução social, e pretenda construir uma teoria e ação eficazes nesse sentido, deve buscar um conceito de classe amplo e que tenha correspondência com a complexidade das sociedades atuais. Isto não significa afirmar que este conceito mais amplo esbarre no vazio intelectual daqueles que insistem em dizer que as “classes não existem ou que este conceito não dá mais conta da atual realidade. A estes, lembramos apenas de Pinheirinhos, de Oaxaca e mais recentemente, do

confronto dos trabalhadores e policiais nos trens do Rio de Janeiro (aliás, os setores de esquerda que defendem a polícia também deveriam se lembrar)!

Não sejamos levianos ao comparar uma greve policial a uma greve de outros assalariados e dizer que ambas se equivalem. Não podemos reproduzir este tipo de concepção, pois o que caracteriza o efeito da distribuição desigual do poder, e portanto, também das classes, é, de certo modo, a localização que os agentes ocupam na estrutura dura do sistema de dominação, e os benefícios

individuais (não necessariamente econômicos) que estes indivíduos recebem por ocupar essas posições. O apoio à greve da

polícia, em ano eleitoral, contra o governo petista da Bahia e governista no Rio de Janeiro, a defesa da “polícia cidadã” (como defendem alguns parlamentares de esquerda) e da militarização das cidades, são estratégias que apenas reforçam o domínio sobre as camadas mais pobres e oprimidas. Ainda que existam “setores explorados” no baixo oficialato, isto não muda em nada a

[...] a polícia e o Estado não são neutros, mas instituições políticas da classe dominante!

função reacionária do aparato policial contra nós trabalhadores: a polícia e o Estado não são neutros, mas instituições políticas da classe dominante! Defender a greve policial é defender o bloco mais duro da reação e significa fortalecer e melhorar a infra-estrutura do aparato repressivo da burguesia contra nós trabalhadores. A greve policial não pode ser vista além do que é: uma reivindicação que visa o aumento de salário e a melhora de condições para continuar chacinando nosso povo e defender de forma mais eficiente a burguesia e o capitalismo.

Os que a defendem, devem ter a decência de assumir que colocam-se, mesmo que temporariamente, ao lado dos exploradores, assassinos e dominadores do nosso povo.

Notas:

1. Cf. FERREIRA, HEMERSON. A esquerda diante da greve de PMs na Bahia: o que fazer? Disponível em: http://www.diariodaclasse.com.br/forum/topic/show?id=3451330:Topic:59955&xgs=1&xg_source=msg_share_topic Acessado em 08/02/12.

2. Idem.

3. Federação Anarquista Uruguia-Federação Anarquista Gaúcha. *Documento Wellington Gallarza-Malvina Tavares*. Impresso em 2011.

A Estratégia de Transformação Social em Malatesta



Errico Malatesta

organizada do povo é capaz de produzir a transformação social necessária, realizando a revolução social e abrindo caminho ao socialismo com liberdade.

Para Malatesta, o socialismo é um sistema em que “ninguém possa explorar o trabalho de outrem, graças à monopolização dos meios de produção; que ninguém possa impor sua própria vontade a outros por meio da força bruta ou, o que é pior, graças à monopolização do poder político”². A liberdade, ou “liberdade social”

A proposta de transformação social em Malatesta tem como guia o anarquismo. Sendo este entendido pelo italiano não como sistema filosófico, mas como ideologia, possuindo então o objetivo transformar a realidade do sistema capitalista e estatista em socialismo libertário, ou como ele se referia, em “anarquia”, sendo ela entendida como “sociedade organizada sem autoridade”. Dessa maneira, o “anarquismo é o método para realizar a anarquia”¹.

Assim compreendido, o anarquismo de Malatesta é voluntarista, ou seja, não se baseia na concepção de que o socialismo, ou mesmo a anarquia, é inevitável, ou uma consequência obrigatória do desenvolvimento da sociedade. Baseia-se, ao invés disso, na concepção de que só a vontade

é a “igual liberdade para todos, e uma igualdade de condições que possa permitir a todos e a cada um agir como bem entende, tendo, como único limite, o que impõem as necessidades naturais inelutáveis e a igual liberdade de todos”³.

Malatesta, para a realização desta transformação, concebeu uma certa estratégia que buscava encontrar os meios necessários para que chegasse ao fim desejado. Tratou, insistentemente, da questão da organização, polemizando com anarquistas individualistas e anti-organizacionistas, argumentando que “permanecer isolado, agindo ou querendo agir cada um por sua conta, sem se entender com os outros, sem preparar-se, sem enfeixar as fracas forças dos isolados, significa condenar-se à fraqueza, desperdiçar sua energia em pequenos atos ineficazes, perder rapidamente a fé no objetivo e cair na completa inação”⁴. Para ele, o remédio contra a exploração, e mesmo contra o isolamento, é a organização.

Concebida como “coordenação de forças com um objetivo comum, e obrigação de não promover ações contrárias a este objetivo”⁵ a organização é a única forma de articular o povo, transformando a força que nele está latente em força real. Com organização, pode haver aumento progressivo desta força social, oferecendo a possibilidade de imprimir à sociedade tal transformação social desejada.

Desta forma, a organização é pensada em quatro perspectivas “a organização em geral, como o princípio e condição da vida social, hoje, e na sociedade futura; a organização do partido anarquista e a organização das forças populares.”⁶ Assim, a organização do sistema atual seria o ponto de partida, enquanto que a organização da sociedade futura seria a proposta a se construir, o ponto de chegada. Neste esquema estratégico, entram a organização das forças populares e do próprio anarquismo como meios de se sair de onde está para se chegar onde se deseja.

Para tanto, Malatesta propôs um modelo de organização anarquista que fosse concebida como “o conjunto dos indivíduos que têm um objetivo em comum e se esforçam para alcançá-lo, é natural que se entendam, unam suas forças, compartilhem o trabalho e tomem todas as medidas adequadas para desempenhar esta tarefa”⁷. Organização esta, que trabalha com certa disciplina, entendida como “a coerência com as idéias aceitas, a fidelidade aos compromissos assumidos, é se sentir obrigado a partilhar o trabalho e os riscos com os companheiros de luta”⁸. Esta organização está articulada no âmbito político e ideológico e tem como objetivo a aplicação de uma política revolucionária nos movimentos populares, que são fruto da luta de classes, garantindo que seus meios de luta apontem para os fins desejados.

Para tanto, segundo o italiano, a organização anarquista deve buscar inteiração com estes movimentos populares, que na sua época eram mais claramente identificados nos sindicatos. Este âmbito social – constituído pelos movimentos sociais ou “movimentos de massa”, como eram conhecidos – se devidamente organizado, pode promover a revolução social. Apesar disso, recomendava Malatesta que estes movimentos não devem ser “ideologizados” pelos anarquistas – ele não defendia, por exemplo, sindicatos anarquistas – mas sim, serem o espaço privilegiado de propaganda ideológica do anarquismo. Portanto, uma inteiração entre a organização anarquista e os movimentos populares não anarquistas seria inevitável.

A partir desta inteiração, escreveu Malatesta, “queremos agir sobre ela (a massa) e impeli-la ao caminho que acreditamos ser o melhor, mas como nosso objetivo é libertar e não dominar, queremos habituá-la à livre iniciativa e à livre ação”⁹. Considerando a organização anarquista uma organização de minoria ativa, que atua no seio dos movimentos populares de forma antiautoritária, Malatesta defende sua posição:

“Não queremos ‘esperar que as massas se tornem anarquistas’ para fazer a revolução; tanto mais de que estamos convencidos de que elas nunca se o tornarão se inicialmente não derrubarmos, pela violência, as instituições que as mantêm em escravidão. Como precisamos do concurso das massas para constituir uma força material suficiente, e para alcançar o nosso objetivo específico que é a mudança radical do organismo social graças à ação direta das massas, devemos nos aproximar delas, aceitá-las como elas são e, como parte das massas, fazê-las ir o mais longe possível. Isso, se quisermos, evidentemente, trabalhar de fato para realizar, na prática, nossos ideais, e não nos contentar em pregar no deserto, para a simples satisfação de nosso orgulho intelectual.”¹⁰.

Portanto, desta forma, é inevitável um confronto do anarquismo, manifesto por meio da organização anarquista, com a realidade da luta de classes, onde estão pessoas de ideologias diferentes. Assim, este “anarquismo social” de Malatesta, longe de fechar-se em si mesmo, amplia-se, buscando influenciar os movimentos e lutas sociais o quanto for possível, por meio da propaganda, fazendo com que funcionem “da maneira mais libertária possível”. Isto significa, na prática, influenciá-los às práticas classistas, combativas, autônomas, de ação direta e democracia direta.

Nesta inteiração do âmbito político com o social, Malatesta recomendava aos anarquistas não confundirem os meios (os movimentos populares) com os fins (o socialismo libertário). Dizia ele que “o movimento operário não é mais do que um meio – embora não há dúvida de que é o melhor meio de que dispomos. Mas eu me recuso a aceitar esse meio como um fim.”¹¹. Os anarquistas devem, portanto, “seguir sendo anarquistas manter-se sempre em entendimento com os anarquistas e lembrar que a organização operária não é um fim, mas simplesmente um dos meios, por importante que seja, para preparar o advento da anarquia”¹². Por este motivo, parte do trabalho da organização anarquista, quando em contato com os movimentos populares, é defender uma visão de longo prazo, ou seja, um projeto político revolucionário que faça do movimento um meio para a sociedade futura e não um fim em si mesmo. No entanto, este meio constituído movimentos em luta, ao invés de buscar somente um fim distante, do socialismo libertário, é também responsável pela mobilização que deve conquistar e promover a melhoria das vidas do povo. Assim, são incitados “os trabalhadores a querer impor todas as

melhorias possíveis e impossíveis, e é por isso que gostaríamos que eles não se resignassem a viver em más condições hoje, esperando o paraíso futuro”¹³. Para que estas conquistas aconteçam, Malatesta recomenda:

“é preciso arrancar do governo e dos capitalistas todas as melhorias de ordem política e econômica que podem tornar menos difíceis para nós as condições da luta e aumentar o número daqueles que lutam conscientemente. É preciso, portanto, arrancá-las por meios que não impliquem o reconhecimento da ordem atual e que preparem o caminho ao futuro.”¹⁴

A luta de classes, expressa na luta dos movimentos populares, pode então melhorar imediatamente a vida daqueles que estão em luta, mas também pode ser a força que aponta para a revolução social.

Malatesta colocava ser impossível a separação da revolução social e da violência. Enfatizava, que esta revolução, “conduzida como a concebem os anarquistas, é a menos violenta possível; ela procura interromper toda violência tão logo cesse a necessidade de opor a força material à força material do governo e da burguesia”¹⁵. Tão logo o funcionamento do socialismo libertário esteja garantido, a violência deverá ser interrompida. Continua Malatesta sobre a violência, enfatizando:

“Os anarquistas só admitem a violência como legítima defesa; se hoje eles são a favor da violência é porque consideram que os escravos estão sempre em estado de legítima defesa. Mas o ideal dos anarquistas é uma sociedade na qual o fator violência terá desaparecido completamente e este ideal serve para frear, corrigir e destruir este espírito de violência que a revolução, como ato material, teria a tendência a desenvolver.”¹⁶

Grande parte dos escritos de Malatesta busca ainda advertir para os meios equivocados de se buscar a transformação social. Em especial, como foi muito colocado por toda tradição clássica anarquista, a incapacidade de o Estado ser um meio adequado para a transformação social, posição defendida pela escola autoritária do socialismo durante toda a história. Independente se a “conquista” do Estado é feita pela revolução ou por meios reformistas, o fato é que Malatesta também defendeu, assim como Bakunin no seio da AIT, que a partir do momento que se conquista o Estado, aqueles que querem ser protagonistas da transformação, terminam como uma nova

classe de exploradores. Em relação aos revolucionários, Malatesta fez críticas à concepção autoritária de socialismo, que considera o Estado e a ditadura como meios de se chegar ao comunismo. Para Malatesta, a posição dos comunistas autoritários sustenta “a ditadura de um partido, ou melhor, dos chefes de um partido; é uma ditadura verdadeira, no sentido próprio do termo, com seus decretos, suas sanções penais, seus agentes de execução e, sobretudo, sua força armada.”¹⁷

Em relação à estratégia eleitoral dos socialistas reformistas, colocou que “somos firmemente contrários a toda participação nas lutas eleitorais e a toda colaboração com a classe dominante; queremos aprofundar o abismo que separa o proletariado do patronato e tornar a luta de classes cada vez mais aguda.”¹⁸

Os reformistas, quando se propuseram à conquista do poder político do Estado pelas eleições, “não podiam senão moderar cada vez mais seu programa, pôr-se a estabelecer relações de colaboração mais ou menos disfarçada com as classes burguesas, procurar amigos e proteção nas esferas governamentais, sufocar o espírito revolucionário que despertavam nas massas.”¹⁹

Assim, por meio da discussão dos meios adequados e não adequados para a transformação social desejada pelos anarquistas, Malatesta defende a máxima libertária, da coerência entre fins e meios, quando escreve que “os fins e os meios estão intimamente ligados, sem dúvida nenhuma, se bem que a cada fim corresponde, de preferência, tal meio, ao invés de tal outro; assim, também, todo meio tende a realizar o fim que lhe é natural, inclusive fora da vontade daqueles que empregam este meio, e contra ela.”²⁰

Nada mais atual, se observarmos com cuidado a história.

Notas:

1. Errico Malatesta. "Anarquismo y Anarquía". Excerto de Pensiero e Volontà, 1 de setembro de 1925. In: Vernon Richards. "Malatesta: pensamiento y acción revolucionarios." Buenos Aires: Anarres, 2007 p. 21.
2. Idem. "Socialismo e Anarquía". In: Anarquistas, Socialistas e Comunistas. São Paulo: Cortez, 1989, p. 7.
3. Idem. "Enquanto Isso...". In: Anarquistas, Socialistas e Comunistas, p. 101.
4. Idem. "A Organização II". In: Escritos Revolucionários. São Paulo, Imaginário, 2000, p. 55.
5. Ibidem. p. 59-60.
6. Idem. "A Organização I". In: Escritos Revolucionários, p. 49.
7. Idem. "A Organização II". In: Escritos Revolucionários, p. 55.
8. Idem. "Ação e Disciplina". In: Anarquistas, Socialistas e Comunistas, p. 24.
9. Idem. "Enfim! O que é a 'Ditadura do Proletariado'". In: Anarquistas, Socialistas e Comunistas, p. 87.
10. Idem. "A Propósito da Revolução". In: Anarquistas, Socialistas e Comunistas p. 55.
11. Idem. "Sindicalismo: A Crítica de um Anarquista". In: George Woodcock (org). Os Grandes Escritos Anarquistas. Porto Alegre: LP&M, 1998, p. 208.
12. Idem. "Los Anarquistas y los Movimientos Obreros". Excerto de Pensiero e Volontà, 16 de abril de 1925. In: Vernon Richards. "Malatesta: pensamiento y acción revolucionarios", p. 122.
13. Idem. "Quanto Pior Estiver, Melhor Será". In: Anarquistas, Socialistas e Comunistas, p. 67.
14. Idem. "'Idealismo' e 'Materialismo'". In: Anarquistas, Socialistas e Comunistas, p. 141.
15. Idem. "Uma Vez Mais sobre Anarquismo e Comunismo". In: Anarquistas, Socialistas e Comunistas, p. 70.
16. Ibidem.
17. Idem. "Carta a Luigi Fabbri sobre a 'Ditadura do Proletariado'". In: Anarquistas, Socialistas e Comunistas, p. 60.
18. Idem. "Os Anarquistas e os Socialistas – Afinidades e Oposições". In: Anarquistas, Socialistas e Comunistas, p. 32.
19. Idem. "No Campo Socialista". In: Anarquistas, Socialistas e Comunistas, p. 45.
20. Idem. "Socialismo e Anarquía". In: Anarquistas, Socialistas e Comunistas p. 6.



Os três artigos que compõem *Ideologia e Estratégia* articulam-se em torno de dois eixos: ideologia e estratégia. No que diz respeito à ideologia, buscam pensar o anarquismo de maneira séria e honesta teoricamente, evidenciando teorias clássicas, trazendo discussões contemporâneas e refletindo criticamente sobre o material analisado. Buscam apresentar ao público em geral, e também àqueles com afinidades ideológicas, um anarquismo que seja digno de respeito no campo da esquerda e do socialismo; um anarquismo que possa retomar sua intensa e honrosa história de lutas que tiveram grande influência nos mais distintos movimentos populares em todo o mundo; um anarquismo que possa ter relevância política e, incidindo sobre a realidade, impulsione-a no sentido desejado, mudando a correlação de forças que hoje compõe a sociedade e, passo por passo, entre conquistas de curto prazo, poder chegar aos objetivos revolucionários e socialistas de mais longo prazo. No que diz respeito à estratégia, proporcionar aos libertários – anarquistas ou não, organizados politicamente ou não – plataformas possíveis para intervenção nos distintos campos da luta de classes. Ou seja, elementos programáticos que possam potencializar hoje a construção da sociedade que queremos amanhã.

Ideologia e Estratégia é um livro saído do calor das lutas, buscando, em um movimento que se poderia chamar dialético, formalizar teoricamente uma série de conhecimentos que foram apreendidos tanto em teoria quanto em prática, de maneira que essa teoria agora produzida possa, em um futuro breve, retornar como contribuição às lutas e movimentos de nosso povo. Editora Faisca, 2012: www.editorafaisca.net

Biblioteca Social Fábio Luz — Fundada em 18 de novembro de 2001

Nosso acervo compreende livros sobre anarquismo, mov. operário, biografias, história, filosofia, literatura, ciências sociais, além de periódicos, fanzines e DVDs.

Rua Torres Homem 790, 2º andar, Vila Isabel. Sábados de 9h às 17h. fabioluz@riseup.net

Libera, 2.000 exemplares. Subscrições para esta edição :

Bambu, Campos, Caralâmpio, Cauã, Cav-Negro, Durden Poulain, El-Brujo, Fontes, Gaia Montenegro, Jack, Peroba Ungida, Rudesindo, Rum.

Superavit da edição #152 R\$ 36,65

Apoie o *Libera* você também: farj@riseup.net

FAO Fórum do Anarquismo Organizado



ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS - BRASIL: CABN/SC www.cabn.libertar.org | ORL/CE resistencialibertaria@riseup.net | OASL/SP www.anarquismosp.org | FAG/RS www.vermelhoenegro.org/fag | Rusga Libertária/MT <http://rusgalibertaria.blogspot.com> | CAZP/AL www.cazp-al.blogspot.com | GEIPA/SC www.geipajoinville.blogspot.com | CALC/PR <http://coletivoanarquistalutadeclasses.wordpress.com> | ÁFRICA DO SUL: ZACF www.zabalaza.net | ARGENTINA: OSL www.osl.org.ar | FACA <http://lafaca.org> | COLÔMBIA: RLPMK www.redlibertariapmk.org | BOLÍVIA: OARS www.oars.tk | CHILE: OCL ocl.chile@gmail.com | CAL <http://labatalladelostrabajadores.blogspot.com> | COSTA RICA: Prò-FAC (Círculo de Estudios la Libertad) <http://revistalalibertad.blogspot.com> | FRANÇA: CNT Vignoles www.cnt-f.org | MÉXICO: AMZ <http://espora.org/amz> | CAMA <http://espora.org/cama> | PERU: USL www.uslperu.blogspot.com | URUGUAI: FAU www.nodo50.org/fau | CSL <http://periodicoroyne.blogspot.com> | EUA/CANADÁ: NEFAC www.nefac.net | UCL www.causecommune.net | ITÁLIA: FdCA www.fdca.it | IRLANDA: WSM www.wsm.ie | ESPANHA: CNT www.cnt.es | CGT www.cgt.org.es | www.anarkismo.net

Notícias Libertárias

Bandeira Negra: No dia 11/02/12, militantes da *Organização Dias de Luta*, de Joinville/SC, reuniram-se com membros do *Coletivo Anarquista Bandeira Negra* (CABN), de Florianópolis, com o objetivo de aproximar as duas organizações. Os debates trataram das afinidades existentes em torno do anarquismo organizado de tipo especificista, inserido nas lutas sociais, e a necessidade de um conteúdo programático e organizativo que envolva diferentes cidades do estado de Santa Catarina. Decidimos então que a *Organização Dias de Luta* deixa de existir e as duas organizações a partir de então reúnem-se no *Coletivo Anarquista Bandeira Negra*, que passa a possuir dois núcleos: Joinville e Florianópolis. O jornal *Palavras de Luta* passa a ser o informativo do CABN, veículo de propaganda com o objetivo de informar os caminhos das lutas sociais nas duas cidades nucleadas e propagandear as produções teóricas em torno do anarquismo. Nos próximos meses ampliaremos os debates construtivos ao anarquismo em nossa região, ampliando laços com outras organizações e apoiados em atuações efetivas nos movimentos sociais combativos, fortalecendo suas lutas e buscando sempre a construção de um verdadeiro Poder Popular: construído a partir da base, com democracia direta, horizontalidade, federalismo e autogestão. Aproveitamos o momento para reafirmarmos os princípios e aproximação político-ideológica ao *Fórum do Anarquismo Organizado* (FAO) e suas organizações (Fonte: CABN, www.cabn.libertar.org)

Repressão: O professor da rede estadual Filipe Proença, militante do GEP (*Grupo de Educação Popular*) e da *Organização Anarquista Terra e Liberdade*, foi condenado a pena social por participar do ato de apoio à Ocupação Guerreiros Urbanos, em dezembro de 2010, que foi violentamente despejada e que resultou em 7 pessoas presas e dezenas de famílias na rua. Na mesma semana o advogado de muitas ocupações sem-teto e militante da *Frente Internacionalista dos Sem-Teto* (FIST), André de

Paula, também foi condenado a pagar uma indenização de mais R\$1000,00, também convertida para pena social. Com a aproximação dos mega eventos, como a Rio+20, Copa do Mundo e Olimpíadas, a repressão está cada vez mais dura com os movimentos sociais e seus militantes. A frase "A questão social é caso de polícia", dita nos anos 1920 pelo presidente de São Paulo Washington Luís, está cada vez mais vigente.

Curso Livre de Anarquismo: O *Ativismo ABC* estará organizando entre maio e julho, na Casa da Lagartixa Preta (Rua Alcides de Queirós, 161; Casa Branca; Santo André/SP), um curso livre de anarquismo com encontros quinzenais gratuitos, sempre as segundas-feiras, às 19:30h, começando no dia 14/05. A temática abordará os grandes pensadores anarquistas, as revoluções, anarquismo no Brasil e América Latina, Pedagogia Libertária, entre outros. Maiores informações em: www.ativismoabc.org

Página da BSFL: Será inaugurada no início de abril a página eletrônica da *Biblioteca Social Fábio Luz*. A BSFL funciona no *Centro de Cultura Social*, em Vila Isabel e possui um vasto acervo de material libertário (livros, revistas, jornais, informativos, zines, entre outros), além de outros temas. O site possuirá, no futuro, o catálogo da biblioteca disponível para busca, além de uma biblioteca virtual com digitalizações para serem baixadas. Será, ainda, um importante meio de comunicação com seus frequentadores e com pessoas distantes que não têm acesso ao espaço. O endereço é: www.bibliotecasocialfabioluz.wordpress.com

CD 20 Anos do Libera Vol 2: Saiu a 2ª edição do CD comemorativo dos 20 anos do informativo *Libera*. Este volume, além de todos os números digitalizados, traz a edição nº 152 do informativo, mais os cinco números do jornal *O Mutirão*, publicado no Rio de Janeiro nos anos 90. Para adquirir o CD entre em contato pelo correio eletrônico farj@riseup.net. O custo de envio por carta registrada é de R\$ 15,00.